

Guaçuí, a influência carioca no Espírito Santo

ilustração JANC

Texto de Daniel Lopes

A cidade mais carioca do Espírito Santo fica a 220 quilômetros de Vitória. Chama-se Guaçuí e tem 51 anos de existência. Lá as pessoas vêem programas de televisão emitidos diretamente do Rio de Janeiro, com imagem local, usam os últimos modelos lançados no Leblon e Ipanema, escutam todas as estações FM do Rio, perfeitamente, e preferem muito mais as noites animadas da zona Sul do que os fins de semana da capital do seu Estado.



Dias atrás, somente por curiosidade, o comerciante Vicente Estevão de Azevedo, dono de uma lanchonete no centro de Guaçuí, iniciou uma pesquisa para saber quantas pessoas, com idade entre 18 e 35 anos, conheciam o Rio de Janeiro e Vitória. Descobriu, com certa surpresa, que dos 195 ouvidos, 137 já tinham ido ao Rio e apenas 71 visitaram a capital do seu Estado.

A influência carioca na pequena cidade de Guaçuí, que fica a 220 quilômetros de Vitória e a 315 do Rio de Janeiro, existe há muito tempo. Todas as noites os aparelhos de televisão da cidade captam, com som e imagem local, programas emitidos pelas emissoras do Rio, inclusive a TV

da e projetada pela equipe do paisagista Burle Marx, carioca, que procurou lembrar contornos e linhas da Quinta da Boa Vista.

A única vez em que se tentou fugir dessa rotina, houve confusão e até briga política. O prédio da Prefeitura Municipal, também projetado pela equipe de Burle Marx, com grandes vidros no térreo e amplos espaços livres, foi alterado pelo prefeito Nourival Couzi, a pretexto de se reduzirem as despesas. O resultado foi uma violenta reação de populares e lideranças locais, embora sem qualquer resultado.

— O prédio construído pela Prefeitura é bom, não se pode negar isso — declarou o ex-prefeito de Guaçuí e atual presidente da Fundação Hospitalar, José Rezendes Vargas — mas ele ficaria realmente colossal se o projeto original fosse respeitado, como nós queríamos. Enfim, quem sabe no

malandro dos morros do Rio de Janeiro, com chapéu na cabeça, pandeiro na mão e muita ginga no corpo.

Os resultados foram bons. Depois de ficar mais de três horas no palanque oficial, observando o desfile, o governador Eurico Rezende entusiasmou-se: “Esse foi o melhor e o maior desfile de todos os tempos em Guaçuí. Foi uma demonstração rara de criatividade do povo desta cidade, em todos os níveis”.

Na opinião do motorista de ônibus Adauto Arnoudes Tristão, 44 anos, residente na rua Rio Grande do Norte, Guaçuí sofre muita influência do Rio de Janeiro por causa da facilidade de condução: “Para Vitória só saem dois ônibus por dia — explica ele — enquanto que para o Rio de Janeiro existem de cinco a seis horários e, além do mais, as empresas sempre

exemplares do matutino carioca **O Globo** debaixo do braço.

— Não se pode negar que há uma certa influência, por causa, principalmente, da proximidade com o Rio de Janeiro — aponta a professora Marina Salles Rezende — mas isso não quer dizer que a cidade viva exclusivamente em função do Rio. Ela tem vida própria, pessoas extremamente trabalhadoras e uma capacidade de crescimento muito grande.

CIDADE RICA

Ninguém pode dizer que Guaçuí é uma cidade de ricos, praticamente sem pobreza. “Não, isso não existe — diz Adauto Arnoudes Tristão — mas a maioria das pessoas que vive aqui tem uma boa situação de vida e parece muito satisfeita”. De fato, andando pela cidade, os visitantes vêem ruas e pra-

mais, está mais próxima dos acontecimentos.

Mesmo sofrendo uma grande influência do Rio, a cidade de Guaçuí ainda guarda alguns resquícios comuns às demais regiões do interior. As moças casam-se cedo, evitam ficar até mais tarde nos bares e formam grupos de amigas mais ou menos fechados, quase inacessíveis aos demais.

Os mais velhos não têm o hábito de se visitarem regularmente, mas se sabem que alguém conhecido está doente ou precisa de algum apoio moral, imediatamente iniciam uma verdadeira peregrinação. “Isso de dar apoio, assistência, aqui é muito normal e deixa a gente muito satisfeita. O pessoal é muito bom, atencioso e ao saber de qualquer coisa assim vem logo dar a sua parcela de colaboração”, afirma dona Zélia.

surpresa, que dos 195 ouvidos, 137 já tinham ido ao Rio e apenas 71 visitaram a capital do seu Estado.

A influência carioca na pequena cidade de Guaçuí, que fica a 220 quilômetros de Vitória e a 315 do Rio de Janeiro, existe há muito tempo. Todas as noites os aparelhos de televisão da cidade captam, com som e imagem local, programas emitidos pelas emissoras do Rio, inclusive a TV Bandeirantes e a TV Sílvio Santos. As rádios FM também são ouvidas perfeitamente.

Nas ruas, em dias de festas, moças e senhoras da sociedade desfilam com elegância vestidas com roupas lançadas pelas boutiques do Leblon, Ipanema e Copacabana. Até mesmo a estrutura física da cidade sofre influência. A principal praça de Guaçuí, por exemplo, foi desenha-

O resultado foi uma violenta reação de populares e lideranças locais, embora sem qualquer resultado.

— O prédio construído pela Prefeitura é bom, não se pode negar isso — declarou o ex-prefeito de Guaçuí e atual presidente da Fundação Hospitalar, José Rezendes Vargas — mas ele ficaria realmente colossal se o projeto original fosse respeitado, como nós queríamos. Enfim, quem sabe no futuro ainda poderá se fazer alguma coisa...

SAMBA DO MORRO

O principal tema dos desfiles em comemoração ao 51º aniversário de Guaçuí, foi "Brasil, um país tropical" e também aí a influência carioca prevaleceu. Os colégios fizeram questão de apresentar seus alunos em trajes de

níveis".

Na opinião do motorista de ônibus Adauto Arnoudes Tristão, 44 anos, residente na rua Rio Grande do Norte, Guaçuí sofre muita influência do Rio de Janeiro por causa da facilidade de condução: "Para Vitória só saem dois ônibus por dia — explica ele — enquanto que para o Rio de Janeiro existem de cinco a seis horários e, além do mais, as empresas sempre colocam carros extras nos fins de semana".

Também os artistas da cidade, como Mara Elisa Tavares, autora de trabalhos muito elogiados durante a exposição de Guaçuí, vão buscar inspiração de preferência em temas do Rio de Janeiro. Uma de suas obras mais comentadas é de um menino vendedor de jornal, com um boné, mão na boca direcionando a voz e alguns

CIDADE RICA

Ninguém pode dizer que Guaçuí é uma cidade de ricos, praticamente sem pobreza. "Não, isso não existe — diz Adauto Arnoudes Tristão — mas a maioria das pessoas que vive aqui tem uma boa situação de vida e parece muito satisfeita". De fato, andando pela cidade, os visitantes vêem ruas e praças muito limpas, um comércio expressivo, bons clubes e raríssimos pedintes.

— Aqui é um lugar muito bom — reconhece dona Zélia Viana de Aguiar, mulher do ex-governador Francisco Lacerda de Aguiar — com pessoas ótimas. Mas, em compensação, torna-se muito monótono. Eu prefiro ficar no Rio, no meu apartamento de Copacabana. Lá parece que a gente vive

bito de se visitarem regularmente, mas se sabem que alguém conhecido está doente ou precisa de algum apoio moral, imediatamente iniciam uma verdadeira peregrinação. "Isso de dar apoio, assistência, aqui é muito normal e deixa a gente muito satisfeita. O pessoal é muito bom, atencioso e ao saber de qualquer coisa assim vem logo dar a sua parcela de colaboração", afirma dona Zélia.

Sem grandes problemas urbanos e com uma arrecadação que quase sempre supera o previsto no orçamento — Cr\$ 60 milhões este ano — a Prefeitura de Guaçuí tem uma situação econômica muito boa, suficiente para custear, diretamente, a maioria das obras de interesse da comunidade. "Não se pode dar grandes vôos — esclarece o prefeito Nourival Couzi — mas é possível desenvolver um trabalho bastante razoável".

Até mesmo as populações mais pobres têm o hábito de ir ao Rio sempre. "Ora, quando não posso ir como madame, eu vou e dou uma de empregada doméstica" — explica, sorridente, a arrumadeira Maria Inezita de Oliveira, famosa por suas constantes viagens. Como ela existem centenas de outras em Guaçuí, sempre dispostas a essas viagens. E Vitória? "Vitória não tá com nada não! Fui lá uma vez e achei muito parado, não gostei não".

Em geral não há tanta indisposição em relação à capital do Espírito Santo. O que existe e poderia ser tese de qualquer sociólogo disposto é simplesmente uma nítida preferência pelo Rio de Janeiro, talvez por causa do que a cidade grande oferece a mais em termos de liberdade, opções, diversão e chances de trabalho melhor remunerado.

A partir de agora, ciente dos resultados obtidos, Vicente Estevão quer aos poucos fazer uma inversão de costumes, introduzindo maior interesse pelas coisas do seu Estado. "A primeira providência será conseguir uma série de informações e cartazes para divulgar Vitória. Pretendo ir à Emcatur, a todos os órgãos que possam me ajudar nisso. Se me ajudarem, acho que vamos ter bom resultado".